



O Portal de Notícias da Globo

16/09/08 - 11h50 - Atualizado em 16/09/08 - 11h50

Buraco da camada de ozônio na Antártida aumenta rapidamente, diz OMM

Abertura já se espalha por 27 milhões de quilômetros quadrados. Hoje é celebrado o Dia Internacional de Proteção da Camada de Ozônio.

Do G1, em São Paulo

O buraco da camada de ozônio sobre a Antártida já é maior do que em 2007, mas os especialistas não acreditam que este ano atingirá os níveis de 2006, quando foi observada a maior abertura da história, disse nesta terça (16) a Organização Mundial de Meteorologia (OMM).

Entenda o que é o buraco e a camada de ozônio



Na Índia, crianças seguram guarda-chuvas durante campanha de conscientização sobre a importância de proteger a camada de ozônio (Foto: Reuters)

No Dia Internacional para a Preservação da Camada de Ozônio, a OMM também advertiu que as mudanças observadas na estratosfera poderiam retardar a reconstituição da camada de ozônio, apesar de a diminuição do desgaste ter sido possível com a assinatura, em 1987, do Protocolo de Montreal.

Nas duas últimas semanas, o buraco na camada de ozônio sobre o continente antártico - que costuma alcançar sua abertura máxima no final de setembro e início de outubro - tem aumentado rapidamente, segundo os especialistas, até o ponto de superar o máximo alcançado em 2007.

No dia 13 de setembro, o buraco da camada de ozônio se espalhava por 27 milhões de quilômetros quadrados, enquanto a mesma abertura não tinha superado 25 milhões de quilômetros quadrados em 2007.

A OMM afirmou nesta terça que os cientistas estão cada vez mais conscientes das possíveis relações entre a diminuição da camada de ozônio e a mudança climática.

“O aumento dos gases do efeito estufa na atmosfera contribuirá para um aumento das temperaturas na troposfera e na superfície do globo, enquanto será produzido um efeito de esfriamento na estratosfera, altitude na qual está a camada de ozônio”, destacou em comunicado.

A diminuição das temperaturas observada nos últimos anos na estratosfera no inverno facilita as reações químicas que destroem o ozônio.

Geir Braathen, especialista da OMM, disse que apesar do maior tamanho do buraco este ano, espera que “a situação melhore em longo prazo”. “Nós já vimos o pior (em 2006)”, conta.

“Nas latitudes temperadas, onde vive a maior parte da população mundial, não achamos que a situação irá se agravar, mas irá melhorando lentamente, enquanto nas zonas polares a situação é mais grave e veremos o buraco da camada de ozônio por outros 10 ou 20 anos como agora”, declarou.

Protocolo de Montreal

Pelo Protocolo de Montreal, os governos concordaram em eliminar 95% o uso de gases CFC, comumente usados para refrigeração, uma decisão à qual se uniu no ano passado um compromisso de acelerar a redução progressiva dos hidroclorofluorcarbonos (HCFC), que os substituíram e que também são prejudiciais ao ozônio, além de serem potentes gases do efeito estufa.

Sem este acordo, o afinamento da camada de ozônio dobraria em 2050 a quantidade da radiação ultravioleta capaz de alcançar a superfície terrestre no hemisfério norte e quadruplicaria a do hemisfério sul.

Em 2006, o buraco sobre a Antártida bateu recorde por causa de um inverno frio e se estendeu sobre uma superfície de 29,5 milhões de quilômetros quadrados, com uma perda de ozônio avaliada em 40 milhões de toneladas.

[Leia mais notícias de Ciência e Saúde](#)